

# Entrevista com Ricardo Ernani Sander: história viva dos tradutores e intérpretes de Libras

## *Interview with Ricardo Ernani Sander: living history of Libras translators and interpreters*



Maria Cristina Pires Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

[mcppufrgs@gmail.com](mailto:mcppufrgs@gmail.com)



Ricardo Ernani Sander

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campo Mourão, Paraná, Brasil.

[ricsander@gmail.com](mailto:ricsander@gmail.com)

### RESUMO

A tradução e interpretação de língua de sinais brasileira (Libras) tem percorrido uma trajetória de rápidos avanços no Brasil, porém, quanto ao seu registro histórico, temos uma quantidade mais significativa de ocorrências de relatos informais, na forma de vídeos e, no máximo, algumas palestras. No entanto, o registro escrito formal, em periódicos, deste percurso ainda é disperso e escasso. Mesmo com o fato de que a geração que iniciou como formadora de tradutores e intérpretes de Libras (Tils) ainda estar viva, seus relatos permanecem, majoritariamente, restritos a depoimentos particulares a pequenos grupos. Com o intuito de colaborar para uma solidificação de nossa história, esta entrevista foi executada com um dos pioneiros formadores de Tils em nosso país. Neste depoimento autobiográfico, o entrevistado relata a sua trajetória como Tils e como formador e sua importante participação em vários eventos históricos, como na tradução do primeiro código de ética utilizados pelos Tils brasileiros, por exemplo. Espera-se que, com esta iniciativa, haja um impulso de resgate histórico de uma área tão relevante em nosso campo disciplinar.

**Palavras-chave:** entrevista; tradução; interpretação; Libras; história.

**ABSTRACT**

Translation and interpretation of Brazilian Sign Language (Libras) has followed a trajectory of quick advances in Brazil. However, when it comes to its historical record, we have a more significant amount of occurrences of informal reports, in the form of videos and, at most, some lectures. However, the formal written record, in journals, of this course, is still scattered and scarce. Even with the fact that the generation that started training Libras Translators and Interpreters (LTIs) is still alive, their reports remain, in their majority, restricted to private talks to small groups. With the intention of collaborating towards a solidification of our history, this interview was done with one of the pioneer LTI trainers in our country. In this autobiographical testimony, the interviewee reports his trajectory as an LTI and educator, and his important participation in several historical events, as in the translation of the first code of ethics utilized by Brazilian LTIs, for example. We hope that, with this initiative, there can be an impulse for the historical rescue of an area of so much relevance in our field.

**Keywords:** interview; translation; interpreting; Libras; History.

Submetido em 16 de janeiro de 2023.

Aceito em 22 de junho de 2023.

Publicado em 27 de junho de 2023.

Ricardo Ernani Sander possui mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná, e doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo. Atualmente é professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no campus de Campo Mourão, das disciplinas de Libras, Alemão e Educação Especial e Inclusão Escolar. Faz parte dos grupos de pesquisa: Estudos e Pesquisa em Deficiência e Inclusão (GEPDI), sob a coordenação das professoras Lúcia Leite (UNESP, Bauru, São Paulo) e Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins (UNESP, Marília, São Paulo) e Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais (INTERTRADS), sob a coordenação da professora Neiva de Aquino Albres, na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina. Coordena o projeto de pesquisa Rodas de Conversa entre TILS (2021 a 2024), pela UTFPR em parceria com o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Palhoça, Santa Catarina. É um dos pioneiros em atuação e formação de tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais (Libras) no Brasil e, nesta entrevista, registra parte de sua trajetória e o legado que deixa para os Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS).

**Maria Cristina Pereira:** Como você começou a atuar como tradutor e intérprete de Libras (Tils)?

**Ricardo Sander:** Minha resposta imediata é: só Deus sabe! Porém, quando vejo agora e penso na minha trajetória, vejo que houve um crescendo da minha constituição a partir do início, quando adentro no mundo da língua de sinais.



surdos, língua de sinais. Eu não sabia se iria adentrar ao mundo ou se seguiria apenas com o curso de Teologia. Nem pensei em ser um pastor para surdos, então. O primeiro ano de Teologia foi marcado pelas angústias iniciais sobre aprender naquela escola, depois, me afirmei em relação a esta questão até o final do semestre e então, a partir daí, pensar minha vida com os surdos, pelos surdos, entre os surdos e da mesma forma em relação à língua de sinais. Uma das melhores decisões tomadas, em toda a minha vida, foi o fato de ir até a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), que ficava na Avenida Salvador França, no Jardim Botânico, não longe do Seminário, que ficava no bairro Mont' Serrat, e nos finais de semana ficava lá, por horas a fio, aprendendo a língua de sinais. Ressalto que a Libras "oficial" ainda não tinha nascido.

Lembro lá, dos surdos adultos. Eles desconfiados olhavam pra mim, para saber o que eu estava fazendo lá. Poucos ouvintes frequentavam a Sociedade. Muitas vezes tinha medo deles. Lembro do Celso Ritter, pai da Celeste (Coda), e da sua prima Ronice (Coda). Celso me olhava com uma expressão brava. Pelo menos, é isso que pensava. Mas na verdade soube depois, que ele é assim. Não tinha nada em particular contra eu estar lá. Ele era da diretoria e sempre estava lá organizando eventos. Havia rodas de surdos de diferentes temas transcorrendo nas longas tardes, que avançavam horas adentro da noite. Temas de filmes de ação assistidos por alguém da Sociedade eram repassados na língua de sinais para um grupinho que se formava ao redor dele. Outros falavam em futebol e nas próximas programações que o campeonato de surdos entre o RS e a Argentina ou Uruguai iria acontecer nos próximos meses. Havia a roda das novelas. Outra dos filmes.

Eu me recordo de ir até lá e olhar. Assistir apenas, inicialmente. Sem muitas interações com os surdos. Entretanto, um detalhe me é importante: **Revista Sinalizar, Goiânia, 2023, v.8: e75030**

me sentia muito bem e em casa naquele ambiente. Não havia cobranças de nenhum tipo. Eu era confundido com surdo, muitas vezes, entretanto, sempre deixava claro que era ouvinte. Aos poucos fiquei conhecido na Sociedade de Surdos era chamado para interpretar em alguns eventos, pois, a participação dos surdos começou a ser notada. Muitos alunos que estudavam na Escola Concórdia, também participavam da Sociedade, que também me pediam para interpretar em alguma situação que os envolvia. Desta forma, iniciou-se minha atuação como intérprete. Eram situações especiais ou mesmo cotidianas, mas que exigiam uma mediação. Eram locais como consultas médicas, fórum, entrevista para emprego, eventos da Sociedade de Surdos, eventos da Escola Concórdia e principalmente na Igreja Luterana, em seus cultos dominicais.

Poderia resumir que meu início se deu pelo ineditismo da situação, movida e estimulada pela curiosidade e pela sede em saber mais sinais, pois, não sabia até que ponto poderia chegar. Não se falava em profissão. Nem se imaginava que a atuação e o trabalho da interpretação viria a se tornar uma profissão em breve. Não imaginava que em alguns outros países já era visto como uma profissão. O futuro estava por vir.

**Maria Cristina Pereira:** E como foi sua trajetória como formador de Tils?

**Ricardo Sander:** Minha formação foi totalmente empírica. Ela aconteceu na curiosidade e na experiência nas atuações. Desde as mais simples interpretações às mais complexas envolvendo mais colegas intérpretes, como em eventos internacionais.

Era convidado para treinar pessoas que usavam a Libras, ou estavam começando e que queriam avançar e atuar como mediadores em situações do cotidiano. Não me lembro onde comecei, em qual ano especificamente.

Entretanto, em 1997 houve o primeiro curso para intérpretes, de forma consistente e pontual. Foi um marco histórico e definitivo. Este foi o começo de tudo em nossa área. Havia diversas forças que convergiram para que este primeiro curso tomasse consistência. Havia o professor convidado na UFRGS, Carlos Skliar e seu grupo de pesquisa chamado Núcleo de Pesquisa em Educação de Surdos (NUPPES), criado na década de 1990. Este grupo se tornou como o estopim para muitas atividades e eventos de grande porte na área da educação de surdos, e conseqüentemente, no incentivo e divulgação de atividades que pediam a atuação de Intérpretes da Libras. Este grupo foi muito efervescente em suas discussões sobre o tema da surdez e educação, bem como, com suas ligações com a Sociedade de Surdos do RS (SSRS) e com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) de Porto Alegre.

Mas voltando ao primeiro curso de TILS do qual temos conhecimento e que se registra aqui e do qual participei como um dos professores, junto com o próprio Carlos Skliar, Ronice Quadros, entre outros docentes da área da linguística.

Tudo era uma novidade para os professores docentes e para os alunos futuros intérpretes, e para o grupo de surdos, professores, que atuavam no curso. Não tínhamos noção do universo de conhecimentos e de perspectiva a respeito da área da tradução/interpretação em língua de sinais, que temos hoje. O curso de 1997 foi um passo importantíssimo e ousado, graças a forças políticas de cada um que se fez presente e graças à parceria com a FENEIS, a SSRS e o NUPPES da UFRGS, naquela época. Assim, surge o primeiro curso na área da tradução/interpretação do Brasil.

Segue lista dos alunos inscritos para este primeiro curso. Tenho esta lista original, com os endereços, contatos e a data natalícia de todos.

- Ana Maria Almeida (de Panambi/RS)
- Angela Russo (Porto Alegre/RS)
- Carina R. Cruz (Porto Alegre/RS)
- Diana Schoenell (Porto Alegre/RS)
- Elisane Silveira (Novo Hamburgo/RS)
- Greice S. dos Santos (Porto Alegre/RS)
- Klaus Kuchenbecker (Porto Alegre/RS)
- Liege Kuchenbecker (Porto Alegre/RS)
- Liliane Giordani (Porto Alegre/RS)
- Luciane Kruche Jung (Novo Hamburgo/RS)
- Luis Fernando Tavares (Esteio/RS)
- Márcia Lunardi (Porto Alegre/RS)
- Marco A. Souza (Esteio/RS)
- Mônica D. de Oliveira (Caxias do Sul/RS)
- Ottmar Teske (Porto Alegre/RS)
- Ricardo Ernani Sander (Sapiranga/RS) professor do curso
- Regina Bonato Neves (Porto Alegre/RS)
- Ronice Müller de Quadros (Porto Alegre/RS) professora do curso
- Sandra N. Angelini (Cachoeirinha/RS)
- Silvana Ferri (Cascavel/PR)
- Tania Fleck (Porto Alegre/RS)
- Wagner Homem de Vasconcellos (Porto Alegre/RS)
- Carlos Skliar (Porto Alegre/RS) professor do curso
- André Reichert (Porto Alegre/RS) \*
- Carlos Alberto Goes (Porto Alegre/RS) \*

- Gisele Maciel Monteiro Rangel (Porto Alegre/RS) \*

\* professores surdos do curso.

Lembro muito bem dos critérios para a seleção destes alunos. Havia um cadastro a ser preenchido e a razão pela qual o candidato queria fazer este curso. Também do quanto ele sabia a Libras. Lembro que estávamos na década de 90 e que tudo era novidade. Entretanto, a maturidade do grupo era notória e contribuiu muito para que o curso tomasse consistência. O diferencial que chamou a atenção era o corpo docente surdo, que contribuiu significativamente e terminantemente para o sucesso do curso. Este foi um marco inicial e fundamental para um primeiro olhar profissional, a meu ver, em relação a este profissional da tradução/interpretação que estava surgindo.

Quero voltar aos anos 80, mais especificamente entre 1984 e 1989. Nestes anos, houve um despertar e um descobrimento em relação à língua de sinais no Rio Grande do Sul. Graças à Escola Especial Concórdia de então, a língua de sinais teve livre curso e desenvolvimento por inúmeras razões. Entre elas, foi a luta da Escola em prol da filosofia de educação chamada de Comunicação Total. Naquela época, não se tinha clara noção ou mesmo crenças em relação à língua de sinais. Ainda por ranço histórico do Oralismo puro, a Comunicação Total preconizava a necessidade de usar a fala e os sinais. Menos com limites, os sinais foram se valorizando e todos os adeptos queriam sinalizar bem. Por bem ou mal, a Comunicação Total ajudou em muito a que o RS se tornasse um centro de luta da comunidade surda e da sua educação. Aqui está incluída a língua de sinais dos surdos, que mais tarde viria a ser a Libras (em 2002).

Um evento importante, a meu ver, e do qual fui um dos protagonistas como intérprete, foi um evento de cunho religioso a nível **Revista Sinalizar, Goiânia, 2023, v.8: e75030**



departamento dos intérpretes, que estava se organizando a nível nacional. A FENEIS queria ouvir os profissionais de diversos lugares do país para poder organizar e estruturar um departamento. O evento foi chamado de I Encontro Nacional dos Intérpretes. Lembro que a Libras ainda não existia oficialmente. Surdos também participaram. Não se usava o nome Libras. Falava-se somente em língua de sinais. O certificado do evento foi assinado pela presidente da FENEIS, Ana Regina e Souza Campello.

Outro evento importante, do meu ponto de vista para a minha formação e para a visão dos surdos brasileiros, foi um evento nos Estados Unidos, o chamado *Deaf Way I*, em julho de 1989. Três surdos brasileiros foram para este evento internacional, ocorrido na capital Washington, mais especificamente na então, *Gallaudet College*. Ana Regina e Souza Campello que foi como primeira presidente surda da FENEIS; Antônio Campos de Abreu, o vice-presidente da FENEIS; o professor Fernando de Miranda Valverde e eu, como intérprete. Foram cinco dias de muito aprendizado e experiência.

Em 1992, acontecia o II Encontro Nacional dos Intérpretes, também na cidade do Rio de Janeiro, também organizado pela FENEIS. Esse evento da FENEIS, acontecia dentro de um evento internacional chamado de Def' Rio 1992, na primeira semana de novembro. Houve várias oficinas, inclusive uma que fui responsável, que era de interpretar músicas. Hoje minha visão a respeito é bem outra, mas era o que tínhamos na época. O número de participantes foi bem maior. Creio que havia mais de 100 participantes. Muitos novos estados foram representados e a noção em relação à organização e até com visão de associação para os intérpretes começou a ser ventilada. Mas tudo eram sonhos longínquos a serem concretizados. Foi apresentado pela primeira vez o código de ética, que eu tinha traduzido do inglês, da associação americana, o chamado de *Registry of Interpreters for the*

**Revista Sinalizar, Goiânia, 2023, v.8: e75030**

*Deaf* (RID), de 1965. Foi nesta ocasião que os nossos intérpretes se encontraram pela primeira vez com o texto do Código de Ética e discutiram a respeito. O texto original foi aceito na sua unanimidade.

Em 1995, o governo federal através do MEC, e por sua vez, pela Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), cuja representante foi a professora Marlene de Oliveira Gotti, patrocinou um encontro a nível técnico, na cidade de Petrópolis/RJ em agosto de 1995. O evento foi chamado de Câmara Técnica: O surdo e a língua de sinais. O evento foi uma solicitação à CORDE pela FENEIS e pela Federação Nacional das Associações de Pais e Amigos dos Surdos (FENAPAS). Estavam presentes aproximadamente umas 40 pessoas, entre professores, técnicos e alguns intérpretes da área. Tive a honra de apresentar questões específicas da atuação e da ética profissional do tradutor/intérprete da língua de sinais. Lembro que meu trabalho foi muito comentado, pois se tratava de algo novo para todos. Lembro que o professor André Reichert também participou. Foi um grupo bem seletivo e que era atuante na área da educação e da acessibilidade da pessoa surda, de então, em nível de Brasil. O evento contou com o apoio da Pontifícia Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

No ano de 1999, aconteceu o evento que chancelou de vez a figura do profissional intérprete em solo brasileiro. Foi a partir do evento internacional chamado de V Congresso de Educação Bilíngue para Surdos, em Porto Alegre, organizado pelo NUPPES (grupo da UFRGS) e a FENEIS com seu escritório representativo na mesma cidade. Foram dois anos de preparações intensas, discussões, estudos e práticas, que culminaram naquela semana do Evento. O grande diferencial foram as palestras em língua de sinais, ministradas pelos surdos e com a atuação de intérpretes que se prepararam para o evento. Houve diversos palestrantes renomados

**Revista Sinalizar, Goiânia, 2023, v.8: e75030**

de outros países. Tudo foi tornado acessível em língua de sinais e os surdos participaram em peso. Foi o primeiro evento com este nível a nível nacional.

Esses eventos listados acima, foram para mim como marcos fundamentais e iniciais para minha formação empírica e como constitutivo para o que estava por vir no Brasil, naqueles anos. Sim, eu sonhava muito com uma organização que fosse nossa. Eu já havia visto lá fora que era possível e imprescindível. Questões em relação aos intérpretes de língua de sinais sempre me deixavam inquieto, sonhador, vislumbrando um espaço nosso, desejando encontrar traços de uma mesma identidade, além de, é claro, realizar os mistérios da tradução/interpretação entre as línguas e as culturas, em questão. Essa foi minha formação pessoal a qual foi fundamental para ser multiplicador e ajudar na formação de futuros profissionais da área.

## Publisher

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, CURSOS DE LETRAS: LIBRAS E DE LETRAS; TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS/PORTUGUÊS DA FACULDADE DE LETRAS/UFG. PUBLICAÇÃO NO PORTAL DE PERIÓDICOS UFG. AS IDEIAS EXPRESSADAS NESTE ARTIGO SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SUA AUTORA, NÃO REPRESENTANDO, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DOS EDITORES OU DA UNIVERSIDADE.